

# Kardec Cientista e a Teoria Espírita

Rita Foelker<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Jundiaí, SP

e-mail: <sup>1</sup> [rfoelker@gmail.com](mailto:rfoelker@gmail.com)

Recebido em 2 de Setembro de 2024 e publicado em 03 de Janeiro de 2025.

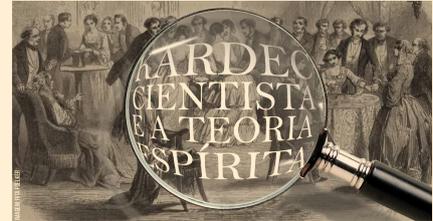
## RESUMO

Desde seus primeiros contatos com os grupos que realizavam reuniões dos chamados “efeitos físicos” de origem extrafísica, Allan Kardec deixou registros de sua trajetória de pesquisa, suas observações, análises e conclusões acerca dos fenômenos mediúnicos e anímicos. Extratos de suas obras e, destacadamente, da *Revista Espírita*, nos ajudam a compreender seu pensamento, suas escolhas e sua prática científica como tal. Eles nos revelam quem foi Kardec cientista. Hoje podemos analisar sua visão sobre os temas pesquisados, não somente pelos seus próprios escritos mas, também, sob a perspectiva de expoentes da Filosofia da Ciência contemporânea, sublinhando aspectos fundamentais para a pesquisa espírita atual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Allan Kardec; ciência espírita; metodologia da pesquisa científica; ciência; fenômenos espíritos; Filosofia da Ciência.

COMO CITAR: R. Foelker, *JEE* 13, 010201 (2025). DOI: [10.22568/jee.v13.artn.010201](https://doi.org/10.22568/jee.v13.artn.010201).

COMO DIVULGAR: Compartilhe este link: <https://doi.org/10.22568/jee.v13.artn.010201>.



## I INTRODUÇÃO

Ao contrário do que comumente se imagina, Allan Kardec não foi um líder religioso, muito menos fundador de uma religião. Falando mais propriamente sobre a sua atividade no Espiritismo, além de elaborar as bases da Doutrina Espírita, ele foi um pesquisador e um estudioso que podemos, em diversos aspectos, considerar exemplar.

A resposta à questão sobre se Allan Kardec fez ciência de fato, se apenas empreendeu pesquisa de caráter pessoal sobre as realidades espirituais (com observações circunstanciais e restritas a uma época e cultura) ou se sua contribuição afeta comunidades e academias em todo o planeta, tal resposta mantém sua relevância não apenas histórica, mas, e especialmente, em vista de todas as atividades e práticas espíritas realizadas até os dias atuais.

Se seu método houver sido impróprio ou superado, ou se sua prática houver sido invalidada pelo desenvolvimento da pesquisa científica, ou se seus resultados houverem sido desmentidos, o correto seria rejeitar suas conclusões e eventualmente a própria consideração de uma Ciência Espírita, como ele a delineou. Caso contrário, há que se reconhecer a cientificidade da sua pesquisa e validade das conclusões, também mencionadas por Silvio S. CHIBENI, em “O paradigma espírita” (CHIBENI, 1993) e em “As relações da ciência espírita com as ciências acadêmicas” (CHIBENI, 1999), entre outros textos..

Cabe então investigar se e como alguma dessas condições se cumpriu, até o momento. O presente artigo, no entanto, visa analisar tão somente a trajetória, as observações e as conclusões do Codificador perante os fenômenos espíritas, relatadas por ele mesmo em suas obras

(pesquisa bibliográfica) e relacioná-las a alguns pensadores contemporâneos relevantes, a fim de compreender o seu método e seus resultados perante a Teoria do Conhecimento e a Filosofia da Ciência.

## II KARDEC PERANTE OS FENÔMENOS MEDIÚNICOS: O Ceticismo Inicial

O sentido estrito da palavra *método* refere justamente ao “caminho que se percorre”. E Allan Kardec deixou, em diversos trechos de suas obras espíritas, registros do caminho que percorreu em sua pesquisa e no desenvolvimento das experiências mediúnicas, os quais serviriam de base para a teoria espírita.

Em meados do século XIX, promover reuniões em que se provocavam efeitos físicos surpreendentes sem causas materiais conhecidas, como o movimento espontâneo de mesas e cestinhas e os sons de pancadas em objetos, tornou-se um passatempo nos Estados Unidos, chegando posteriormente à Europa.

Certos fenômenos já haviam recebido algumas interpretações, como a do *efeito ideomotor*, assim denominado por William Benjamin Carpenter<sup>1</sup> em 1852, segundo o qual o corpo humano realiza movimentos inconscientes, os quais poderiam provocar deslocamentos ou ruídos em objetos materiais. Esses “movimentos inconscientes”, porém, só explicariam as situações em que há contato corporal com o objeto que se movimenta – como no caso da cestinha à qual se adaptava um lápis e que, ao ser tocada pelo médium, era movida para produzir a escrita. Fenômenos de levitação, transporte de objetos, sem contato corporal, e as próprias materializações logo desmonta-

<sup>1</sup> William Benjamin Carpenter (1813 – 1885), naturalista britânico.



riam essa tese.

Um fato relevante, ao introduzir essa discussão, é que a primeira reação de Allan Kardec à notícia dos fenômenos, notadamente das mesas girantes e falantes, foi de incredulidade e ceticismo. Naquele momento, era ele um intelectual reconhecido na França, professor e pedagogo com diversos livros publicados na área da Educação e Pedagogia, além de estudioso do chamado Magnetismo Animal<sup>2</sup>. Quando ouviu falar dos fenômenos inusitados, das chamadas “mesas girantes”, ocorrendo nos salões de Paris em sua época, Allan Kardec não se interessou prontamente por conhecê-los de perto.

Diz então Kardec: “parecia-me absurdo atribuir inteligência a uma coisa puramente material. Eu estava na posição dos incrédulos de nossos dias que negam porque só veem um fato de que não se dão conta”<sup>3</sup> (KARDEC, 1912, p. 304).

A insistência do seu amigo Sr. Carlotti, porém, levou-o a comparecer a uma reunião em que eram produzidos os posteriormente chamados *efeitos físicos*. Sobre sua primeira impressão, escreveria Kardec:

[...] era no começo de 1855 – encontrei o Sr. Carlotti, um amigo de há vinte e cinco anos, que discorreu acerca desses fenômenos durante mais de uma hora, com o entusiasmo que ele punha em todas as ideias novas. O Sr. Carlotti era corso de origem, de natureza ardente e enérgica; eu tinha sempre distinguido nele as qualidades que caracterizam uma grande e bela alma, mas desconfiava da sua exaltação. Ele foi o primeiro a falar-me da intervenção dos Espíritos, e contou-me tantas coisas surpreendentes que, longe de me convencerem, aumentaram as minhas dúvidas<sup>4</sup>. (KARDEC, 1912, p.304-305).

Movido então pela curiosidade suscitada e em busca de respostas, ele compareceu a sessões de efeitos físicos em diferentes grupos, onde acabou por reconhecer a autenticidade dos fenômenos que presenciava e, neles, a existência de um objeto digno de estudo mais aprofundado. Posteriormente ele esclarecerá como procedeu, naquela etapa de sua pesquisa:

Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar

às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão<sup>5</sup>. (KARDEC, 1912, p. 307).

Ainda que se refira ao método *experimental*, pelo relato sabemos que Kardec de fato aplicava naquele momento inicial o método da *observação* (como afirmará mais tarde em *A Gênese*). Por sua natureza, os fenômenos em análise não se sujeitavam a um tipo comum de experimentação sistemática e, pela própria peculiaridade das variáveis independentes, destacadamente as inteligências desencarnadas e a conduta dos médiuns perante circunstâncias potencialmente desconhecidas para eles, era importante permanecer com a mente aberta às novas situações, atento às características de cada grupo e de cada manifestação.

Segundo CHIBENI (2006, p. 1),

embora a complexidade da ciência não permita que se conceba um método único, de aplicabilidade geral, para se fazer ciência, o conhecimento científico se distingue de outras formas de saber por algumas características importantes, que giram em torno da exposição deliberada e sistemática das teorias científicas à análise racional e ao controle experimental.

Partindo de tal pressuposto, é preciso então identificar (a) o uso que Kardec fez da análise racional e (b) qual interpretação extraia ele dos dados da experiência.

### III A TEORIA ESPÍRITA E A ANÁLISE RACIONAL

A profusão de fenômenos de efeitos físicos, conhecidos como *mesas-girantes* e outros similares, na segunda metade do século XIX, abriu a perspectiva de um novo campo de estudos. O diálogo com os Espíritos e suas respostas às questões que Kardec formulava foram gradativamente revelando princípios e leis, criando as condições para a ocorrência daquilo que Thomas Kuhn, em sua tese sobre a escolha teórica, chama de mudança de *gestalt* (ou seja, mudança na visão global do mundo), que nasce da combinação de vários fatores e extrapolam a esfera puramente cognitiva, incluindo crenças e valores.

Hoje se sabe que, na atividade científica, não existe observação sem teoria. O estudo de um conjunto de fatos só pode ser feito a partir de uma teoria prévia ou

<sup>2</sup> **Magnetismo Animal**. “Ação recíproca de dois seres vivos por intermédio de um agente especial chamado fluido magnético”. Allan Kardec. *Instruction pratique sur les manifestations spirites*. Vocabulaire spirite. Paris: Dentu, 1858, p. 24.

<sup>3</sup> il me paraissait absurde d'attribuer l'intelligence à une chose purement matérielle. J'étais dans la position des incroyables de nos jours qui nient parce qu'ils ne voient qu'un fait dont ils ne se rendent pas compte. (Allan Kardec. *Oeuvres Posthumes*).

<sup>4</sup> [...] je rencontrai M. Carlotti, un ami de vingt-cinq ans, qui m'entretint de ces phénomènes pendant près d'une heure avec l'enthousiasme qu'il apportait à toutes les idées nouvelles. M. Carlotti était Corse, d'une nature ardente et énergique; j'avais toujours estimé en lui les qualités qui distinguent une grande et belle âme, mais je me défiais de son exaltation. Le premier, il me parla de l'intervention des Esprits, et me raconta tant de choses surprenantes que, loin de me convaincre, il augmenta mes doutes. (Allan Kardec. *Oeuvres Posthumes*).

<sup>5</sup> J'appliquai à cette nouvelle science, comme je l'avais fait jusqu'alors, la méthode de l'expérimentation; je ne fis jamais de théories préconçues: j'observais attentivement, je comparais, je déduisais les conséquences; des effets je cherchais à remonter aux causes, par la déduction et l'enchaînement logique des faits, n'admettant une explication comme valable que lorsqu'elle pouvait résoudre toutes les difficultés de la question.

<sup>6</sup> Kuhn considera paradigmas como “as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (*A estrutura das revoluções científicas* KUHN, 1998, p. 13).



*paradigma* (em sentido kuhniano<sup>6</sup>), que forneça um quadro geral, aponte um método, explicita quais fatos devem ser observados em detrimento de outros e, enfim, forneça uma interpretação dos resultados.

Mas qual teoria deveria ser escolhida perante o conjunto de fatos estudados pela ciência espírita? A resposta seria fornecida posteriormente pelo próprio Codificador, em 1859, na obra *O que é o Espiritismo?*:

O Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, ou seja, aplica o método experimental. Apresentam-se fatos de uma nova ordem que não podem ser explicados por leis conhecidas; observa-os, compara-os, analisa-os e, partindo dos efeitos até as causas, chega à lei que os rege; então ele deduz as consequências e busca aplicações úteis<sup>7</sup>. (*La Genese*, KARDEC, s.d., Cap. 1, item 14, p. 10).

São consideradas ciências positivas, aquelas que aplicam o método experimental e cujas afirmações derivam da experiência sensorial pelas vias da razão e da lógica, excluídas, portanto, as que provêm da fé religiosa, da introspecção e das especulações.

Reforçando essa concepção científica em sua pesquisa, afirma Kardec que o Espiritismo

não estabelece nenhuma teoria preconcebida; assim, não colocou como hipóteses, nem a existência e intervenção de Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu que os Espíritos existiam quando essa existência emergia claramente da observação dos fatos; e assim com outros princípios<sup>8</sup>. (*La Genese*, KARDEC, s.d., Cap. 1, item 14, p. 10).

O trecho acima ainda deixa claro que jamais houve, por parte de Kardec, algum *exercício imaginativo* sobre o mecanismo atuante por trás dos fenômenos. Intervenção espiritual, perispírito, reencarnação etc. não foram postulados *a priori*. Essas afirmações e termos surgiriam, por sua vez, no decorrer da pesquisa, recordando que Kardec teve seu primeiro contato com os fenômenos em maio de 1855 e que *A Gênese* – de onde extraímos a citação acima – seria publicada somente em 6 de janeiro de 1868 – quase treze anos depois.

Houve, contudo, uma tese original óbvia e evidente, que Kardec se dispôs a confirmar: a de que havia necessariamente uma *causa desconhecida* por trás dos efeitos físicos inusitados que observava em diferentes grupos, com a participação de pessoas diferentes, causa essa que ele buscou identificar e que se revelaria possuidora de inteligência e vontade. Ele próprio escreveria mais tarde que

<sup>7</sup> [...] le Spiritisme procède exactement de la même manière que les sciences positives, c'est-à-dire qu'il applique la méthode expérimentale. Des faits d'un ordre nouveau se présentent qui ne peuvent s'expliquer par les lois connues; il les observe, les compare, les analyse, et, des effets remontant aux causes, il arrive à la loi qui les régit; puis il en déduit les conséquences et en cherche les applications utiles (Allan Kardec. *La Genese*).

<sup>8</sup> Il n'établit aucune théorie préconçue; ainsi, il n'a posé comme hypothèses, ni l'existence et l'intervention des Esprits, ni le périsprit, ni la réincarnation, ni aucun des principes de la doctrine; il a conclu à l'existence des Esprits lorsque cette existence est ressortie avec évidence de l'observation des faits; et ainsi des autres principes (Allan Kardec. *La Genese*).

<sup>9</sup> Il est donc rigoureusement exact de dire que le Spiritisme est une science d'observations, et non le produit de l'imagination. Les sciences n'ont fait de progrès sérieux que depuis que leur étude est basée sur la méthode expérimentale; mais jusqu'à ce jour on a cru que cette méthode n'était applicable qu'à la matière, tandis qu'elle l'est également aux choses métaphysiques. (Allan Kardec. *La Genese*).

é, portanto, estritamente correto dizer que o Espiritismo é uma ciência de observações, e não produto da imaginação. As ciências só fizeram grandes progressos desde que o seu estudo se baseou no método experimental; mas até agora acreditava-se que este método só era aplicável à matéria, embora também fosse aplicável às coisas metafísicas<sup>9</sup>. (*La Genese*, KARDEC, s.d., Cap. 1, item 14, p. 11).

A primeira constatação de Kardec foi de que, por trás dos fenômenos que presenciava, existia uma causa dotada de inteligência. (Mais adiante, com o correr dos anos, detectaria diferentes personalidades, culturas e níveis de adiantamento moral nas inteligências que provocavam essas manifestações.)

Ocorre que, simultaneamente às pesquisas e observações, já se entretencia uma *cosmovisão*, uma visão de mundo com bases racionais: a da própria Filosofia Espírita. Conforme a comunicação com os Espíritos se aperfeiçoava, eles próprios passaram a trazer uma nova perspectiva filosófica – sobre quem somos, de onde viemos e para onde vamos – que surge não somente das comunicações e diálogos com os Espíritos, como é inferida a partir da ideia de um Deus como causa necessária, inteligente e primeira da existência do Universo.

A Filosofia Espírita parte do conceito de Deus, na questão 1 do Capítulo 1 de *O livro dos Espíritos*, e dos seus atributos. Estabelece-se que, para que qualquer coisa exista, é preciso que alguma coisa tenha existido antes. Todo efeito inteligente provém necessariamente de uma causa inteligente e, como o Universo revela uma ordem e harmonia que não podem ter surgido do acaso, existe uma causa para elas e essa causa é Deus.

Em seguida, são elencados os atributos de Deus, sem os quais ele não poderia logicamente ser Deus, e afirma-se que ele criou os dois elementos universais: espírito e matéria. O espírito é criado simples e ignorante, trilha um caminho de aprendizados, de evolução intelectual e moral, até atingir o grau de Espírito puro. Para atingir esse objetivo, ele se une à matéria, encarna e reencarna, agindo sobre ela para desenvolver suas qualidades latentes. A constatação das diferenças intelectuais e morais entre os Espíritos surgiria da própria experimentação mediúnica, levada a cabo durante vários anos e em diferentes locais do mundo.

Ora, ao estender a possibilidade da observação e experimentação científica para os entes imateriais que, no entanto, provocavam efeitos palpáveis e audíveis, chegaria Kardec a definir posteriormente o objeto da ciência espírita: “os Espíritos, sua natureza, origem, destino e



suas relações com o mundo material”<sup>10</sup> (KARDEC, s.d., p. 2).

Este é um resumo da teoria espírita emergente dos fatos observados, que Kardec passa a utilizar na análise dos próprios fenômenos mediúnicos e anímicos.

#### IV O CONTROLE EXPERIMENTAL

É fato que Allan Kardec considera o Espiritismo como uma *revelação*, porém não no sentido místico ou religioso, mas por descortinar uma realidade ignorada, a partir de dados objetivos. Explica ele:

Definamos primeiro o sentido da palavra *revelação*. Revelar, do latim *revelare*, cuja raiz, *velum*, véu, significa literalmente sair de sob o véu – e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar mais genérica, essa palavra se emprega a respeito de qualquer coisa ignota que é divulgada, de qualquer ideia nova que nos põe ao corrente do que não sabíamos.

Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da Natureza são revelações e pode dizer-se que há para a Humanidade uma revelação incessante. A Astronomia revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a Geologia revelou a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo etc.; Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier foram reveladores<sup>11</sup>. (*La Genese*, KARDEC, s.d., Cap. 1, item 2, p. 7-8).

Para ele a revelação científica se distingue das *revelações espirituais* pois “no sentido especial da fé religiosa,

a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais **que o homem não pode descobrir por meio da inteligência, nem com o auxílio dos sentidos [...]**” (*La Genese*, KARDEC, s.d., Cap. 1, item 7, p. 7, grifo nosso)<sup>12</sup>.

E aponta ainda uma segunda distinção:

Neste caso [das revelações espirituais], a revelação é sempre feita a homens privilegiados, designados sob o nome de *profetas* ou *messias*, ou seja, enviados, *missionários*, com a *missão* de transmiti-la aos homens. Considerada deste ponto de vista, a revelação implica passividade absoluta; que aceitemos sem controle, sem exame, sem discussão<sup>13</sup>. (*A Gênese*, KARDEC, s.d., Cap. 1, item 7, p. 7).

Destacamos que tal passividade não foi adotada por Kardec em nenhum momento de sua trajetória espírita, o que indubitavelmente o desqualifica como um revelador passivo de uma nova religião.

As revelações espirituais, pela sua própria característica, não suportam uma análise científica, pois não passam pela elaboração intelectual e, sequer, pelos sentidos materiais, sendo impossíveis sua verificação, exame e discussão.

Admitiremos então que, para Kardec, diferente da revelação espiritual, uma revelação científica é passível de verificações de seus postulados e exame de suas teses, as quais podem ser discutidas, aceitas ou rejeitadas<sup>14</sup>.

Mas de que tipo de verificação trata ele? Seria a do chamado *indutivismo ingênuo*<sup>15</sup>, em que um número limitado de observações singulares poderia legitimamente

<sup>10</sup> Le Spiritisme est une science qui traite de la nature, de l'origine et de la destinée des Esprits, et de leurs rapports avec le monde corporel. (Allan Kardec. *Quest-ce que le spiritisme?*).

<sup>11</sup> Définissons d'abord le sens du mot révélation. Révéler, du latin *revelare*, dont la racine est *velum*, voile, signifie littéralement sortir de dessous la voile, et au figuré : découvrir, faire connaître une chose secrète ou inconnue. Dans son acception vulgaire la plus générale, il se dit de toute chose ignorée qui est mise au jour, de toute idée nouvelle qui met sur la voie de ce que l'on ne savait pas. A ce point de vue, toutes les sciences qui nous font connaître les mystères de la nature sont des révélations, et l'on peut dire qu'il y a pour nous une révélation incessante; l'astronomie nous a révélé le monde astral que nous ne connaissions pas ; la géologie, la formation de la terre ; la chimie, la loi des affinités ; la physiologie, les fonctions de l'organisme, etc.; Copernic, Galilée, Newton, Laplace, Lavoisier sont des révéléateurs (Allan Kardec. *La Genese*).

<sup>12</sup> Dans le sens spécial de la foi religieuse, la révélation se dit plus particulièrement des choses spirituelles que l'homme ne peut savoir par lui-même, qu'il ne peut découvrir au moyen de ses sens [...] (Allan Kardec. *La Genese*).

<sup>13</sup> Dans ce cas, la révélation est toujours faite à des hommes privilégiés, désignés sous le nom de prophètes ou messies, c'est-à-dire envoyés, missionnaires, ayant mission de la transmettre aux hommes. Considérée sous ce point de vue, la révélation implique la passivité absolue; on l'accepte sans contrôle, sans examen, sans discussion.

<sup>14</sup> Sobre revelação divina e humana, escreve Kardec: Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: contém tanto a revelação divina como a revelação científica. Ela mantém da primeira, na medida em que o seu advento é providencial, e não o resultado da iniciativa e do desígnio premeditado do homem; que pontos fundamentais da doutrina são o fato do ensino ministrado pelos Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre as coisas que eles não sabiam, que não podiam aprender por si mesmos, e que era é importante que saibam, hoje, que estão prontos para compreendê-los. É semelhante ao segundo, no sentido de que este ensinamento não é o privilégio de nenhum indivíduo, mas que é dado a todos pelo mesmo caminho; que aqueles que o transmitem e aqueles que o recebem não são seres passivos, dispensados do trabalho de observação e pesquisa; que não renunciavam ao seu julgamento e ao seu livre arbítrio; que o controle não lhes é proibido, mas pelo contrário recomendado; finalmente, que a doutrina não foi ditada do zero nem imposta à crença cega; que é deduzida pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos colocam diante de seus olhos, e instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara e da qual ele próprio tira as consequências e aplicações. Em uma palavra, o que caracteriza a revelação espírita é que a fonte é divina, que a iniciativa é dos Espíritos, e que a elaboração é da faz o trabalho do homem. (Traduzido de Allan KARDEC (s.d., *La Genese*, Cap. 1, item 13, p. 10)).

<sup>15</sup> Sobre indutivismo ingênuo. “O tipo de raciocínio[...] que nos leva de uma lista finita de afirmações singulares para a justificação de uma afirmação universal, levando-nos do particular para o todo, é denominado *raciocínio indutivo*, e o processo, denominado *indução*. Podemos resumir a posição indutivista ingênua dizendo que, de acordo com ela, a ciência é baseada no princípio de indução, que podemos assim descrever. Se um grande número de As foi observado sob uma ampla variedade de condições, e se todos esses As observados possuíam sem exceção a propriedade B, então todos os As têm a propriedade B. (Allan F. CHALMERS. *O que é ciência, afinal?* São Paulo: Brasiliense, 1993.) Um número sempre finito de observações não impede uma futura observação que contradiga conclusão anteriormente formulada.



conduzir a um postulado geral? Em outras palavras: apenas o fato de um fenômeno se repetir grande número de vezes é suficiente para apoiar uma afirmação de cunho científico ou a sua universalidade? Não, isso não é o que transparece em outras considerações, presentes no *O livro dos médiums*, onde Kardec expõe seu pensamento segundo o qual

[...] para a maioria dos que não estão preparados pelo raciocínio, os fenômenos materiais têm pouco peso; quanto mais extraordinários são estes fenômenos, e quanto mais se desviam das leis conhecidas, mais oposição encontram, e isto por uma razão muito simples: estamos naturalmente inclinados a duvidar de algo que não tem uma sanção racional<sup>16</sup>. (Allan Kardec. *Le livre des médiums*, KARDEC, 1863a, item 29, p.29).

Para uma mente despreparada, apenas testemunhar um fenômeno poderia conduzir antes à desconfiança que a uma certeza racional. Além disso, um mesmo conjunto de fatos testemunhados por diferentes observadores pode originar diferentes teorias. Kardec não ignora essa realidade:

[...] cada um a considera do seu próprio ponto de vista e explica à sua maneira: o materialista a vê como uma causa puramente física ou um engano; o ignorante e o supersticioso, uma causa diabólica ou sobrenatural; enquanto uma explicação prévia tem o efeito de destruir ideias preconcebidas e mostrar, se não a realidade, pelo menos a possibilidade da coisa<sup>17</sup>. (*Le livre des médiums*, KARDEC, 1863a, item 29, p.29).

Como recorda Herculano Pires:

Observadores inscientes e, por isso mesmo, precipitados viam nas mesas-girantes uma manifestação de vida e inteligência [da matéria]. Kardec esclareceu o problema mostrando que os Espíritos davam às mesas e outros objetos através da impregnação fluídica, uma vida *fictícia*, ou seja, artificial (PIRES, 2018b, p. 121).

Ainda uma indicação muito importante sobre como Kardec encarava o processo da ciência surge em trecho bastante conhecido de *A Gênese*, onde ele escreve que

o Espiritismo, marchando com progresso, nunca será ultrapassado, pois, se novas descobertas mostrassem que ele está errado num ponto, ele se modificaria neste ponto; se uma nova verdade for revelada, ele a aceitará<sup>18</sup>. (*La Genese*, KARDEC, s.d., Cap. 1, item 55, p. 30).

Segue-se, portanto, a partir do trecho acima que, para Kardec:

<sup>16</sup> [...] pour la plupart de ceux que ne sont pas préparés par le raisonnement, les phénomènes matériels sont de peu de poids; plus ces phénomènes sont extraordinaires, et s'écartent davantage des lois connues, plus ils rencontrent d'opposition, et cela par une raison très simple, c'est qu'on est naturellement porté à douter d'une chose qui n'a pas une sanction rationnelle [...].

<sup>17</sup> [...] chacun l'envisage à son point de vue et se l'explique à sa manière: le matérialiste y voit une cause purement physique ou une supercherie; l'ignorant et le superstitieux, une cause diabolique ou surnaturelle; tandis qu'une explication préalable a pour effet de détruire les idées préconçues et de montrer, sinon la réalité, or du moins la possibilité de la chose. (Allan Kardec. *Le livre des médiums*).

<sup>18</sup> Le Spiritisme, marchant avec le progrès, ne sera jamais débordé, parce que, si de nouvelles découvertes lui démontraient qu'il est dans l'erreur sur un point, il se modifierait sur ce point; si une nouvelle vérité se révèle, il l'accepte. (Allan Kardec. *La Genese*).

1. O tipo de conhecimento que a ciência espírita propõe pode ser refutado ou atualizado por novas descobertas. Logo, não precisa ser absoluto, definitivo ou irrefutável – o que certamente ocorreria se ele o considerasse um dogma religioso ou uma afirmação mística. Os seus procedimentos não são próprios de um mero fundador de uma religião.
2. De onde se conclui que o Espiritismo é um corpo teórico onde algumas afirmações podem ser modificadas sem que o conjunto de teses principais seja abalado.

Ao afirmar que certos pontos da tese espírita podem ser refutados, Kardec se expressa como um verdadeiro popperiano antes de Popper. Adota a atitude intelectual e científica que Karl Popper iria propor somente no século XX, o *falseacionismo*.

Para Popper, uma teoria científica não se compõe das afirmações que se busca *confirmar* experimentalmente, mas daquelas afirmações que podem ser refutadas. Afinal, um número finito de confirmações será sempre limitado e não assegura a ausência absoluta de exceções. O exemplo clássico figura em seu livro *A lógica da pesquisa científica*: “independentemente de quantos casos de cisnes brancos possamos observar, isto não justifica a conclusão de que *todos* os cisnes são brancos” (POPPER, 1972, p. 28). O sentido mais evidente desta frase é que só se pode afirmar algo sobre o que foi observado e nada pode ser afirmado sobre o que não o foi. Ora, se surgir um cisne preto algum dia, saberemos que nem todos os cisnes são brancos, constituindo esse evento um novo caso que contradiz a conclusão original.

Para o falseacionismo, portanto, o que torna algumas teorias mais bem-sucedidas que outras é o fato de serem mais resistentes à refutação que aquelas e, portanto, mais duradouras.

Kardec, avesso a dogmatismos, entende que as teses espíritas podem ser falseadas por novas observações, o que, em lugar de refutar a teoria espírita como um todo, tocaria em apenas um de seus aspectos, desse modo, garantindo a sobrevivência do núcleo teórico principal.

Agindo dessa forma, Kardec não atuava ingenuamente.

E além de observador criterioso, ele também não oferecia plena credibilidade às afirmações dos Espíritos com que dialogava. Segundo ele:

Um dos primeiros resultados de minhas observações foi que os Espíritos, não sendo mais que as almas dos homens, não possuíam nem sabedoria soberana nem ciência soberana; que seu conhecimento era limitado ao grau de seu avanço e que sua opinião só tinha o



valor de uma opinião pessoal<sup>19</sup>. (KARDEC, 1912, p. 307-308).

Além desse aspecto específico, referente ao teor das manifestações mediúnicas, sempre existe a possibilidade de algo novo ser descoberto pela ciência e, como decorrência, algum ponto da tese espírita ser superado por tal descoberta. Reforçando sua convicção na importância do falseamento, ele posteriormente escreverá:

Não há ninguém de bom senso que não faça justiça aos sábios, reconhecendo, entretanto, que não são infalíveis e, assim, que seu julgamento não é a última instância. Seu erro é resolver certas questões um pouco levemente, confiando demasiado em suas luzes, antes que o tempo se tenha pronunciado, assim se expondo a receber o **desmentido da experiência**. (KARDEC, 1859, p. 165, grifo nosso).

Há ainda algumas características, identificadas por autores no campo da Epistemologia e da Filosofia da Ciência, que permitem afirmar quando estamos tratando de um conhecimento científico. Eis porque, além do falseamento, destacaremos outros aspectos valorizados por Kardec e presentes na comprovação das teses espíritas: a *justificação independente* e o *valor cognitivo*.

## V JUSTIFICAÇÃO INDEPENDENTE E VALOR COGNITIVO

O conhecimento costuma ser definido como uma *crença verdadeira justificada*. Mas de que tipo de justificação se trata aqui? Por exemplo: é plausível que alguns espíritas creiam na fenomenologia mediúnica porque já trazem no íntimo a crença na existência e comunicabilidade dos Espíritos, mesmo que não tenham presenciado nenhum fenômeno mediúnico. Trata-se aqui de uma crença que se apoia noutra crença.

Como explicita Lakatos, “*crença, compromisso e entendimento*” (1998, p. 25) são meros *estados da mente* e não garantem nenhum grau de aceitabilidade científica. Segundo este autor, “o valor cognitivo de uma teoria nada tem a ver com a sua influência psicológica na mente das pessoas” (Id., *ibid.*, p. 21). E mais: “O valor objetivo e científico de uma teoria independe da mente humana que a cria ou a compreende. O seu valor científico depende apenas do apoio objetivo que essas conjecturas têm nos fatos” (Id., *ibid.*, p. 21).

A mera crença possui um papel relevante para o senso comum, mas quando se trata de conhecimento científico, os fatos e as evidências experimentais obtidos independentemente são indispensáveis. Aqui localizamos o problema que envolve a *justificação*.

A *justificação independente*, no caso da teoria espírita, provém das conclusões baseadas em experimentos e testes realizados sob condições controladas, em diferentes locais, por grupos distintos que preferencialmente não se conheciam, nem mantinham contato. Tais experimentos e testes, realizados com esses quesitos, aumentam o seu grau de confirmação e, portanto, a sua confiabilidade, mas igualmente podem falseá-la, desde que as mesmas condições tenham sido repetidas e o resultado seja diverso.

Desde que os fenômenos mediúnicos, provocados pela ação dos Espíritos sobre a matéria, espalharam-se por diversos países, os grupos começaram por si próprios a estabelecer contato e comunicação com desencarnados, de forma independente. Muitos desses grupos se comunicavam com Kardec através de cartas, enviando textos de mensagens e transcrições de diálogos com os Espíritos – sendo vários deles reproduzidos em obras básicas da Doutrina e nas edições da *Revista Espírita*.

A tese espírita foi acumulando confirmações e, desse modo, ampliou seu poder explicativo e preditivo, o qual se traduz na sua capacidade, tanto para explicar fatos ocorridos, como para prever ocorrências futuras. Tudo isso só foi possível graças à atividade constante e incansável de Kardec, que se correspondia com espíritas de diversas partes do mundo. Ele nos informa:

Sempre que se apresentava ocasião eu a aproveitava para propor [aos Espíritos] algumas das questões que me pareciam mais espinhosas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram concurso a esse trabalho. Da comparação e da fusão de todas as respostas, ordenadas, classificadas e muitas vezes retocadas no silêncio da meditação, foi que elaborei a primeira edição de *O livro dos Espíritos*, entregue à publicidade em 18 de abril de 1857<sup>20</sup>. (KARDEC, 1912, p. 310).

Os experimentos e testes realizados com médiuns desconhecidos entre si e geograficamente distantes constituíram importante fator para aumentar seu grau de confirmação e sua confiabilidade. Por isso era necessário identificar “*a concordância entre as revelações feitas espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares*”<sup>21</sup> (KARDEC, 1876, p. 10), uma escolha que foi muito bem-sucedida, segundo Kardec:

Na nossa posição, recebendo comunicações de quase mil centros espíritas sérios, espalhados por diversas partes do globo, podemos ver os princípios sobre os quais essa concordância se estabelece; é esta observação que nos guia até hoje, e que também nos guiará nos novos campos que o Espiritismo é chamado a explorar<sup>22</sup>. (KARDEC, 1876, p. 11).

<sup>19</sup> Un des premiers résultats de mes observations fut que les Esprits, n'étant autres que les âmes des hommes n'avaient ni la souveraine sagesse, ni la souveraine science; que leur savoir était borné au degré de leur avancement, et que leur opinion n'avait que la valeur d'une opinion personnel. (Allan Kardec. *Oeuvres Posthumes*.)

<sup>20</sup> Je ne me contentai pas de cette vérification; les Esprits m'en avaient fait la recommandation. Les circonstances m'ayant mis en rapport avec d'autres médiums, chaque fois que l'occasion se présentait, j'en profitais pour proposer quelques-unes des questions qui me semblaient les plus épineuses. C'est ainsi que plus de dix médiums ont prêté leur assistance pour ce travail. C'est de la comparaison et de la fusion de toutes ces réponses coordonnées, classées, et maintes fois remaniées dans le silence de la méditation, que je formai la première édition du *Livre des Esprits* qui parut le 18 avril 1857 (Allan Kardec. *Oeuvres posthumes*.)

<sup>21</sup> [...] la concordance qui existe entre les révélations faites spontanément, par l'entremise d'un grand nombre de médiums étrangers les uns aux autres, et dans diverses contrées (Allan Kardec. *L'Évangile selon le Spiritisme*.)



Tal profusão de dados experimentais contribuiu para construção da objetividade e da independência da tese espírita, também conhecida como seu *valor cognitivo*.

Não é – e nunca foi – a mera crença na existência e comunicabilidade dos Espíritos que fez do Espiritismo uma ciência. O que faz dele uma ciência é sua base experimental, o caráter progressivo de suas pesquisas e a sua justificação independente de aspectos psicológicos e culturais.

E não podemos nos esquecer, ainda, de sua *abrangência*, dando conta de inúmeros casos observados – no que ele se diferencia, por exemplo, da tese do “efeito ideomotor” de Carpenter, que era aplicável apenas a um número restrito de situações. Caráter progressivo, justificação independente e abrangência conferem alto grau de respeitabilidade ao conhecimento que se erigiu sobre ampla base observacional e experimental.

Mesmo assim, contudo, surgiram detratores e contestadores, aos quais Allan Kardec também respondeu em seus artigos da *Revista*, como se lê no trecho abaixo:

O que caracteriza as deduções da nossa premissa é, antes de tudo, que elas se baseiam na observação dos fatos; em segundo lugar, que expliquem de maneira racional o que, de outra forma, seria inexplicável. Substitua nossa premissa pela negação e você se deparará com dificuldades insolúveis a cada passo. A teoria espírita, dizemos, baseia-se em fatos, mas em milhares de fatos, reproduzidos todos os dias e observados por milhões de pessoas<sup>23</sup>. (KARDEC, *Revista Espírita*, fevereiro, 1863b, A loucura espírita).

Sendo a mediunidade inerente ao ser humano, em seu estado latente ou ostensivo, ela pode ser observada em toda parte, mas carece da observação que seja criteriosa e, ao mesmo tempo, da compreensão do objeto que é pesquisado, para que se legitime como conhecimento científico, como veremos a seguir.

## VI A ESPECIFICIDADE DO OBJETO

Uma peculiaridade inescapável da pesquisa científica se refere à natureza do objeto observado, que impõe certas diretrizes ao ato de observação. A Física estuda fenômenos da matéria; a Biologia, os seres vivos. Em diálogo com o céptico, Allan Kardec explicita o problema da observação no Espiritismo. Trata-se aqui da *observação científica*, sistemática – visando coleta de dados de um fenômeno que se estuda – e, não, de observação assistemática.

<sup>22</sup> Dans notre position, recevant les communications de près de mille centres spirites sérieux, disséminés sur les divers points du globe, nous sommes à même de voir les principes sur lesquels cette concordance s'établit; c'est cette observation qui nous a guidé jusqu'à ce jour, et c'est également celle qui nous guidera dans les nouveaux champs que le Spiritisme est appelé à explorer. (Allan Kardec. *L'Évangile selon le Spiritisme*.)

<sup>23</sup> Ce qui caractérise les déductions de notre prémisses, c'est d'abord qu'elles sont basées sur l'observation des faits; en second lieu qu'elles expliquent d'une manière rationnelle ce qui, sans cela, est inexplicable. A notre prémisses substituez la négation, et vous vous heurtez à chaque pas contre des difficultés insolubles. La théorie spirite, disons-nous, est basée sur des faits, mais sur des milliers de faits, se reproduisant tous les jours, et observés par des millions de personnes [...]. (Allan Kardec. *Revue Spirite*, 1863b).

<sup>24</sup> Les sciences vulgaires reposent sur les propriétés de la matière qu'on peut manipuler à son gré; les phénomènes qu'elle produit ont pour agents des forces matérielles. Ceux du spiritisme ont pour agents des intelligences qui ont leur indépendance, leur libre arbitre et ne sont point soumises à nos caprices; ils échappent ainsi à nos procédés de laboratoire et à nos calculs, et, dès lors, ne sont plus du ressort de la science proprement dite. [...] La science s'est donc fourvoyée quand elle a voulu expérimenter les Esprits comme une pile voltaïque; elle a échoué, et cela devait être, parce qu'elle a opéré en vue d'une analogie qui n'existe pas [...]. (Allan Kardec. *Qu'est-ce que le Spiritisme?*).

As ciências ordinárias repousam sobre as propriedades da matéria, que se pode, à vontade, manipular; e os fenômenos que ela produz têm por agentes forças materiais. Os do Espiritismo têm, como agentes, inteligências que possuem independência, livre-arbítrio e não estão sujeitas aos nossos caprichos; por isso eles escapam aos nossos processos de laboratório e aos nossos cálculos, e, desde então, ficam fora dos domínios da Ciência propriamente dita. [...]

A Ciência, portanto, extraviou-se quando quis experimentar os Espíritos como uma pilha voltaica; falhou, e deveria ter falhado, porque funcionou tendo em vista a uma analogia que não existe [...] <sup>24</sup>. (*Qu'est-ce que le Spiritisme?*, KARDEC, s.d, Deuxieme Entretien: Le Sceptique, p.31).

De fato, não se pode pressupor que as leis do mundo espiritual sejam as mesmas que as aplicadas à matéria. E pensar que só se pode fazer ciência dos corpos materiais é um preconceito, afinal “*só existem cientistas na ciência oficial e nos corpos constituídos? Pode prejulgarse a questão pelo fato de não desfrutar o Espiritismo foros de cidade? É conhecida a circunspeção da ciência oficial em relação às ideias novas.*” (KARDEC, 1859, p. 165).

Sobre a natureza peculiar do objeto de estudo, o exemplo abaixo é uma boa ilustração:

A Academia das Ciências recebeu a incumbência de conferir um prêmio de 2500 francos ao sensitivo magnético que lesse com os olhos vendados. De boa vontade todo os sonâmbulos fizeram tais exercícios nos salões ou nos palcos; liam em livros fechados, decifravam uma carta, sentando-se sobre ela ou pondo-a sobre o peito, fechada e bem dobrada; mas perante a Academia não leram absolutamente nada e o prêmio não foi conquistado por ninguém.

Esta tentativa prova, mais uma vez, a absoluta ignorância, por parte dos nossos antagonistas, dos princípios sobre os quais repousam os fenômenos das manifestações espíritas. **Eles têm a ideia fixa de que tais fenômenos devem obedecer à vontade e ser produzidos com uma precisão mecânica. Esquecem completamente, ou antes, não sabem que a causa de tais fenômenos é inteiramente moral e que as inteligências que lhes são a causa primeira não obedecem ao capricho de quem quer que seja – médiuns ou outras pessoas.** Os Espíritos agem quando e perante quem lhes agrada; por vezes, quando menos se espera sua mani-



festação é que estas ocorrem com mais energia, e quando a solicitamos ela não se verifica. Os Espíritos têm condições de ser para nós desconhecidos; o que está fora da matéria não pode submeter-se ao cadinho da matéria. Julgá-los do nosso ponto de vista é enganar-se. Se acharem útil manifestar-se por sinais particulares, fá-lo-ão; mas nunca à nossa vontade, nem para satisfazer a vã curiosidade. Além disso, deve levar-se em conta uma causa muito conhecida, que afasta os Espíritos: sua antipatia por certas pessoas, principalmente pelas que querem submeter à prova sua perspicácia, fazendo perguntas sobre coisas conhecidas. Pensam que quando uma coisa existe, eles o devem saber; ora, é precisamente porque uma coisa nos é conhecida ou que nós temos meios de a verificar que eles não se dão ao trabalho de responder; tal suspeita os irrita e nada se obtém de satisfatório; ela afasta sempre os Espíritos sérios, que de boa vontade não falam senão aos que se lhes dirigem com confiança e sem segunda intenção. Não temos um exemplo diariamente entre nós? Homens superiores e que têm consciência de seu valor não gostam de responder a todas as perguntas ingênuas que visam submetê-los a um exame de primeiras letras. Que diriam se lhes objetássemos: “Mas se o senhor não responde é porque não sabe”? Voltar-nos-iam as costas: – é o que fazem os Espíritos. (KARDEC, 1858b, p. 42).

Antes, pois, de nos lançarmos à pesquisa, é fundamental compreendermos que:

Os espíritos não são, pois, seres abstratos, indefinidos, mas seres reais e limitados, com existência própria, que pensam e agem em virtude de seu livre-arbítrio. Estão por toda parte, em volta de nós; povoam os espaços e se transportam com a rapidez do pensamento.

Os homens podem entrar em relação com os Espíritos e receber comunicações diretas pela escrita, pela palavra ou por outros meios. Estando ao nosso lado, ou podendo vir ao nosso apelo, é possível, por certos meios, estabelecer comunicações frequentes com os Espíritos, assim como um cego pode fazê-lo com as pessoas que ele não vê. (KARDEC, 1859, p. 2).

Herculano Pires qualifica a posição de Kardec nesta questão como sendo “*de rebeldia consciente e declarada contra o materialismo científico. Afirmava em seus escritos e palestras que os cientistas se empolgavam com o campo objetivo dos efeitos materiais, fugindo à pesquisa das causas profundas*” (PIRES, 2018a, p. 22-23).

Ao mesmo tempo é inegável que a Medicina materialista se vê em dificuldades para explicar e tratar questões de saúde provocadas ou influenciadas por essas inteligências invisíveis. Ela as considera inadmissíveis e “não-científicas”, motivo pelo qual também não sabe lidar com distúrbios que têm, como causa, elementos da realidade além da matéria, como por exemplo, a mediunidade em desequilíbrio e os casos obsessivos. Os remédios convencionais não funcionam como esperado e por vezes agravam o quadro. Há pacientes que acabam batendo às portas

das casas espíritas – cuja prática é eventualmente considerada *semicientífica, pseudocientífica* ou até fraudulenta pelos materialistas – e lá obtêm a cura ou o alívio de sintomas, geralmente acrescidos de uma visão mais ampla da realidade espiritual que promove serenidade e satisfação íntima. Ora, quando é que possuir uma alma se tornará um fato cientificamente significativo?...

Enquanto isso, já no século XX, segundo Herculano Pires:

Os espíritas continuam [...] a socorrer no Brasil as vítimas de perturbações mentais e psíquicas, em seus centros de trabalho permanente e gratuito. A eficácia de seus métodos simples, desprovidos dos recursos tecnológicos da atualidade, é evidente, mas não constam de comprovações estatísticas (PIRES, 2018a, p. 39).

Tanto a negação pela simples negação, quanto a aceitação cega, ambas são irracionais. A única atitude realmente científica é a da curiosidade intelectual, seguida de observação e experiência, o que Kardec compreendia claramente e para a qual elaborou “*uma metodologia específica, pois entendia que os métodos devem ajustar-se à natureza específica do objeto submetido à pesquisa*” (PIRES, 2018a, p. 66). Logo, os meios de confirmação da tese espírita existem, mas a ciência materialista não deseja admitir que sejam forçosamente distintos daqueles aplicados à Física, Química e Biologia e, por isso mesmo, não os aceita.

Um aspecto crucial, relevante e distintivo da pesquisa espírita em relação às demais ciências, encontra-se na *moralidade do médium* e sua inevitável relevância na prática da mediunidade. A razão é simples:

Considerada em si mesma como um campo de produção fenomênica, a mediunidade independe da moralidade. Mas considerada como instrumento cognitivo, ou seja, como meio de conhecimento, a mediunidade depende estritamente da moralidade. [...] Quando se trata da busca da verdade ou de processos de cura, a mediunidade divorciada da moralidade não serve, tornando-se mesmo perigosa. A eficácia da terapia espírita depende da inteireza moral do médium que lhe serve de instrumento. (PIRES, 2018a, p. 53).

Considerando-se ainda a ocorrência das fraudes mediúnicas<sup>25</sup>, que também contribuem para fortalecer argumentos contrários à tese espírita, a moral do médium e a moral dos Espíritos são elementos decisivos na observação e comprovação dos fatos espíritas. Certamente por ter isso em mente,

Kardec esquivou-se ao uso dos processos da vidência e do desprendimento mediúnicos para a investigação do plano espiritual, preferindo obter informações dos Espíritos, sempre que controláveis, para atingir a verdade sobre o outro mundo. Alegava que os que vivem naquele mundo estão mais aptos a nos fornecer dados sobre ele. O Espírito encarnado está condicionado ao nosso plano, mas o desencarnado condiciona-se ao outro. (PIRES, 2018a, p. 85).

<sup>25</sup> Ver Allan Kardec. *O livro dos médiuns*, itens 304 a 323. Do charlatanismo e do embuste. Fraudes espíritas.



Já podemos afirmar indubitavelmente que observações e teorias, portanto, segundo Kardec, devem adequar-se ao objeto em estudo e essa adequação é o que torna a Ciência Espírita uma área de pesquisa apta a fornecer dados precisos e necessários à nossa compreensão dos fenômenos da alma e da vida, considerando seus componentes invisíveis, porém atuantes, onde as ciências da matéria se tornam limitadas e inadequadas. Enquanto alguns insistem nas causas materiais, a Ciência Espírita concorre trazendo o elemento espiritual para a equação e solucionando satisfatoriamente esse problema, o que Kardec deixa claro quando afirma que

o Espiritismo não é uma concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa. Ele tem sua fonte nos fatos da própria Natureza, em fatos positivos, que se produzem aos nossos olhos a cada instante, mas cuja origem não se suspeitava. É, pois, resultado da observação, numa palavra, uma ciência, a ciência das relações entre os mundos visível e invisível, ciência ainda imperfeita, mas que diariamente se completa por novos estudos e que, tende certeza, tomará posição ao lado das ciências positivas. Digo positivas porque toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa.

O Espiritismo nada inventou, porque não se inventa o que está na Natureza. Newton não inventou a lei da gravitação, pois essa lei universal existia antes dele; cada um a aplicava e lhe sentia os efeitos, entretanto, ela não era conhecida.

Por sua vez, o Espiritismo vem mostrar uma nova lei, uma nova força da Natureza: a que reside na ação do Espírito sobre a matéria, lei tão universal quanto a da gravitação e a da eletricidade, contudo ainda desconhecida e negada por certas pessoas, como o foram todas as outras leis no momento de sua descoberta. [...] Por mais que taxem os fenômenos de ridículos, não podem impedir a existência daquilo que existe<sup>26</sup>. (*Revista Espírita*, KARDEC, 1864, O Espiritismo é uma ciência positiva).

Temos, desde então e até hoje, a tese materialista e a tese espírita, ambas concorrendo no campo dos fenômenos ditos *paranormais*. Esse debate ganhou notoriedade nas décadas de 1960/70, com os estudos da chamada *paranormalidade* desenvolvidos por universidades de diversos países, notadamente União Soviética e Estados Unidos.

Recordemos, porém, que não existe somente uma e única declaração, que possa ser considerada científica, so-

bre qualquer tema de estudo, e que exclua absolutamente todas as demais. Desse modo, é perfeitamente possível que se tenha duas teorias concorrentes e funcionais abordando um mesmo campo de pesquisa.

Como exemplo disso, Paul Feyerabend aborda um caso emblemático de duas teorias concorrentes no campo da medicina, na China: a medicina ocidental e a medicina tradicional chinesa. Em *Contra o método*, o autor descreve o processo cultural em que métodos tradicionais de diagnóstico e tratamento naquele país passaram a conviver com a medicina do Ocidente:

Quando os comunistas, na década de 1950, forçaram os hospitais e escolas de medicina a transmitir as ideias e métodos registrados no *Manual de Medicina Interna do Imperador Amarelo* e a aplicá-las no tratamento dos pacientes, muitos especialistas ocidentais [...] se horrorizaram e predisseram a derrocada da medicina chinesa. Ocorreu exatamente o oposto. A acupuntura, a moxa, o diagnóstico pelo pulso, conduziram a novas percepções, novos métodos de tratamento e colocaram novos problemas, tanto para o médico ocidental quanto para o chinês. (FEYERABEND, 1977, p. 461).

Foi assim que, por volta de 1954, uma campanha de inspiração política surgiu em prol do retorno à medicina tradicional naquele país, o que acabou por abrir espaço à dualidade de concepções e à convivência entre as duas práticas. Como hoje tornou-se mais comum a aplicação de práticas terapêuticas *complementares* e *integrativas*, é perfeitamente plausível que a teoria e prática espíritas venham, algum dia, a atuar juntamente com a ciência dita “oficial”, em colaboração e para o desenvolvimento de ambas.

Popper declara entendimento semelhante, ao afirmar que

em ciência, à diferença do que acontece na teologia, é sempre possível o confronto crítico das teorias concorrentes, dos referenciais que competem entre si. E a negação dessa possibilidade representa um equívoco. Na ciência (e só na ciência) podemos dizer que fizemos progressos genuínos e que sabemos mais agora do que sabíamos antes. (POPPER, 1979, p. 70).

Observa ele que

uma revolução intelectual se assemelha com frequência a uma conversão religiosa. Uma nova visão das coisas pode apanhar-nos como o fuzilar de um raio. Mas isso não quer dizer que não podemos avaliar, crítica e racionalmente, nossos pontos de vista anteriores à luz dos novos. (POPPER, Id., *ibid.*).

<sup>26</sup> [...] le Spiritisme n'est point une conception individuelle, un produit de l'imagination ; ce n'est point une théorie, un système inventé pour le besoin d'une cause ; il a sa source dans les faits de la nature même, dans des faits positifs, qui se produisent à chaque instant sous nos yeux, mais dont on ne soupçonnait pas l'origine. C'est donc un résultat d'observation, une science en un mot : la science des rapports du monde visible et du monde invisible ; science encore imparfaite, mais qui se complète tous les jours par de nouvelles études et qui prendra rang, soyez-en convaincus, à côté des sciences positives. Je dis positives, parce que toute science qui repose sur des faits est une science positive et non purement spéculative. Le Spiritisme n'a rien inventé, parce qu'on n'invente pas ce qui est dans la nature. Newton n'a pas inventé la loi de gravitation ; cette loi universelle existait avant lui ; chacun en faisait l'application et en ressentait les effets, et cependant on ne la connaissait pas. Le Spiritisme vient à son tour montrer une nouvelle loi, une nouvelle force dans la nature : celle qui réside dans l'action de l'Esprit sur la matière, loi tout aussi universelle que celle de la gravitation et de l'électricité, et cependant encore méconnue et déniée par certaines personnes, comme l'ont été toutes les autres lois à l'époque de leur découverte. [...] Ils ont beau taxé les phénomènes de ridicules, ils ne peuvent empêcher d'exister ce qui est. (Allan Kardec, *Revue Spirite* 1864).



A ciência espírita, em seu terreno, não compete essencialmente com outras ciências, por ter um objeto de pesquisa novo: as relações com o mundo espiritual. No entanto, ela apresenta novas explicações para fatos que já são interpretados de forma diversa em outras áreas do conhecimento e, nesse caso, oferece, como contribuição valiosa, uma explicação fundada na experiência e na observação de fenômenos anímicos e mediúnicos, incluindo as obsessões; na observação de médiuns com faculdades distintas e no aprimoramento da comunicação entre os planos encarnado e desencarnado; mas também dialogando e observando a qual ordem pertencem os Espíritos comunicantes e onde os conceitos trazidos pelos Espíritos superiores podem contribuir com o conhecimento científico terreno atual.

Afinal, como asseverou Kardec:

Posso dizer que no Espiritismo nada é hipotético: de todos os princípios formulados no *Livro dos Espíritos* e no *Livro dos Médiuns*, não há um único que seja produto de um sistema ou de uma opinião pessoal; todos, sem exceção, são fruto da experiência e da observação; não posso reivindicar nenhum deles como produto da minha iniciativa; essas obras contêm o que aprendi e não o que criei; agora, o que aprendi, outros podem aprender como eu; mas, como eu, eles têm que trabalhar; apenas poupei-lhes o incômodo do primeiro trabalho e da primeira pesquisa<sup>27</sup>. (Allan KARDEC, *Revista Espírita*, dezembro de 1862. Espiritismo em Rochefort).

Adverte ele, em dois trechos distintos, quanto à necessidade de se buscar primeiramente os fundamentos teóricos espíritas para chegar a uma apreciação mais acurada dos fatos. Em um deles, lemos: “*Indispensável se faz o estudo prévio da teoria, para todo aquele que queira evitar os inconvenientes peculiares à experiência*”<sup>28</sup> (Allan Kardec. *Le livre des médiums*, item 211).

Noutro, refere-se ao alcance da tese espírita e seus desdobramentos filosóficos e morais:

Ainda outra vantagem apresenta o estudo prévio da teoria – a de mostrar imediatamente a grandeza do objetivo e o alcance desta ciência. Aquele que começa por ver uma mesa a girar, ou a bater, se sente mais inclinado ao gracejo, porque dificilmente imaginará que de uma mesa possa sair uma doutrina regeneradora da Humanidade. Temos notado sempre que os que creem, antes de haver visto, apenas porque leram

e compreenderam, longe de se conservarem superficiais, são, ao contrário, os que mais refletem. Dando maior atenção ao fundo do que à forma, veem na parte filosófica o principal, considerando como acessórios os fenômenos propriamente ditos. Declaram então que, mesmo quando estes fenômenos não existissem, ainda ficava uma filosofia que só ela resolve problemas até então insolúveis; que só ela apresenta a teoria mais racional do passado do homem e do seu futuro. Ora, como é natural, preferem eles uma doutrina que explica às que não explicam, ou explicam mal<sup>29</sup>. (KARDEC, 1863a, Cap.3, item 32)

Kardec não somente compartilhou suas conclusões advindas da pesquisa da fenomenologia espírita como, também, nos deixou relatos dos seus próprios passos, mapeando um caminho para os futuros pesquisadores

## VII CONCLUSÕES

Quando Allan Kardec e os Espíritos da Codificação nos trouxeram a proposta e as bases de uma Ciência Espírita, o planeta vivia um momento em que os alicerces da religião eram solapados pelo avanço das ciências de base materialista, a qual não podia ser analisada nem refutada por argumentos baseados em crenças e opiniões.

Afinal, numa análise precipitada, tudo que diz respeito a uma “realidade espiritual” pode parecer uma questão de crença. Crer em Deus. Crer na alma. Crer no *pós-vida*. Crenças e opiniões são voláteis. Crer e deixar de crer constitui um mero movimento da mente. Hoje se tem uma opinião, amanhã se pensa diferente.

Já uma ciência que descortina as leis do mundo espiritual, com bases racionais e experimentais, constitui um conhecimento muito além da simples crença, que de fato fundamenta nosso modo de pensar o Universo e de agir, com maior firmeza e convicção.

Kardec não foi uma figura passiva, como acontece no caso das revelações espirituais ou religiosas, trazidas ao plano encarnado por “messias”. Foi um investigador persistente e cauteloso quanto às suas afirmações. Precisou se convencer da legitimidade dos fenômenos de que tomou conhecimento, mergulhou na sua pesquisa e registrou suas descobertas e o caminho até elas em seus textos, nos livros e na *Revista Espírita*.

Jamais fez observações dogmáticas ou absolutas, jamais se pronunciou sobre os fenômenos e a sua interpretação deles, antes de referendá-las com resultados da

<sup>27</sup> Je puis dire que, dans le Spiritisme, rien n'est hypothétique : de tous les principes formulés dans le *Livre des Esprits* et dans le *Livre des Médiuns*, il n'en est pas un seul qui soit le produit d'un système ou d'une opinion personnelle ; tous, sans exception, sont le fruit de l'expérience et de l'observation ; je ne saurais en revendiquer aucun comme étant le produit de mon initiative ; ces ouvrages contiennent ce que j'ai appris, et non ce que j'ai créé ; or, ce que j'ai appris, d'autres peuvent l'apprendre comme moi ; mais, comme moi, il leur faut travailler ; seulement, je leur ai épargné la peine des premiers travaux et des premières recherches. (Allan Kardec, *Revista Espírita* 1862).

<sup>28</sup> [...] l'étude préalable de la théorie est indispensable, si l'on veut éviter les inconvénients inséparables de l'inexpérience (*Le livre des médiums*, 1863a).

<sup>29</sup> L'étude préalable de la théorie a un autre avantage, c'est de montrer immédiatement la grandeur du but et la portée de cette science ; celui qui débute par voir une table tourner ou frapper est plus porté à la raillerie, parce qu'il se figure difficilement que d'une table puisse sortir une doctrine régénératrice de l'humanité. Nous avons toujours remarqué que ceux qui croient avant d'avoir vu, mais parce qu'ils ont lu et compris, loin d'être superficiels, sont au contraire ceux qui réfléchissent le plus ; s'attachant plus au fond qu'à la forme, pour eux la partie philosophique est le principal, les phénomènes proprement dits sont l'accessoire, et ils se disent qu'alors même que ces phénomènes n'existeraient pas, il n'en resterait pas moins une philosophie qui seule résout des problèmes insolubles jusqu'à ce jour ; qui seule donne du passé de l'homme et de son avenir la théorie la plus rationnelle ; or, ils préfèrent une doctrine qui explique à celles qui n'expliquent pas ou qui expliquent mal (*Le livre des médiums*, 1863a).



pesquisa e a chancela da razão.

Fugindo das armadilhas do indutivismo ingênuo, adotou como premissa o falseacionismo popperiano (antes de sua publicação em livro, que ocorreria somente em 1935).

Graças à busca da justificação independente, proferiu conclusões fundadas nos fatos e na lógica, o que conferiu maior valor cognitivo, poder explicativo e preditivo às teses espíritas.

Kardec aprofunda o entendimento da natureza e das especificidades do seu objeto de estudo – as manifestações dos Espíritos – que difere drasticamente das ciências que se ocupam da matéria, suas leis e condições de observação. Nos seus textos espíritas, o materialismo científico é rechaçado e o aspecto moral, irrelevante para as ciências físicas e biológicas até então, assume um papel fundamental.

Graças a Kardec, hoje temos uma perspectiva espírita dos fenômenos físicos, biológicos e psíquicos. O fato de existirem teorias concorrentes para os mesmos fenômenos não invalida as teses espíritas, desde que elas coexistem e podem, ambas, oferecer abordagens pertinentes aos seus campos de pesquisa.

Em todos esses aspectos acima elencados, destaca-se a atitude intelectual de Kardec como cientista que pesquisa e desvela as leis do plano imaterial que atua cotidianamente em nossas vidas, na saúde e nas sociedades terrenas.

Ao fazer ciência sobre um objeto novo e até então desconhecido pelas disciplinas estabelecidas de meados do século XIX, Allan Kardec se deparou com novos fatos e novas condições de experiência. Eram fenômenos inusitados que desafiavam o olhar científico a voltar-se para um terreno inexplorado, antes dominado pela crença e, até, pela superstição.

Não é, portanto, de se estranhar que suas descobertas fossem consideradas frutos de credulidade e, suas conjecturas, tidas como desprovidas de relevância científica. Mas a diferença fundamental, no caso de Kardec, foi a atitude mental e a perspectiva do objeto de estudo que escolheu, decisiva para a constituição desse novo campo de pesquisa, a ser mapeado e explorado, enquanto suas conclusões eram resguardadas pela metodologia aplicada e pela atitude intelectual serena e comedida.

A validade dos milhares de relatos recebidos de grupos independentes e desconhecidos entre si, que só foram possíveis pela múltipla ação dos Espíritos desencarnados envolvidos na tarefa da Revelação Espírita, divina e humana, espiritual e científica, ainda pode ser repetida. Basta que se tenham médiuns idôneos e cientistas esclarecidos, mas também desarmados de preconceitos.

A conduta de Kardec perante a nova ordem de fenômenos com que se deparou, determinado a estudá-los e a descobrir as suas leis, é incomparável exemplo da atuação prática e produção intelectual de um verdadeiro cientista espírita, que pode oferecer diretrizes para os pesquisadores espíritas contemporâneos.

## REFERÊNCIAS

- CHALMERS, A. F. *O que é ciência, afinal?* Raul Filker (Trad.) Brasiliense, São Paulo, 1993.
- CHIBENI, S. S., 1993. “O paradigma espírita”, *Reformador junho*, 176. Acessada em 21 de novembro de 2024, através deste [link](#).
- CHIBENI, S. S., 1999. “As relações da ciência espírita com as ciências acadêmicas”, *Reformador novembro*, 344. Acessada em em 21 de novembro de 2024, através deste [link](#).
- CHIBENI, S. S., 2006, *Algumas observações sobre o método científico*. Notas de aula, Departamento de Filosofia, IFCH, Unicamp, Brasil. Acessada em 01 de maio de 2024, através deste [link](#).
- FEYERABEND, P. *Contra o método*. Octanny S. da Motta e Leônidas Hegenberg (Trad.). Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1977.
- KARDEC, A., s.d., *Quest-ce que le spiritisme?* 40<sup>a</sup>. ed. Paris: Librairie des Sciences Psychiques. Acessada em 14 de maio de 2024, através deste [link](#).
- KARDEC, A., s.d., *La Genese: les miracles et les predictions selon le Spiritisme*. Nova edição conforme a primeira edição de 1868. Union Spirite Française et Francophone. Acessada em 02 de maio de 2024, através deste [link](#).
- KARDEC, A., 1858a, *Instruction pratique sur les manifestations spirites*. Vocabulaire spirite. Paris: Dentu. Acessada em 15 de agosto de 2024, através deste [link](#).
- KARDEC, A., 1858b. “Os Médiuns Julgados”, *Revista Espírita 1858*. Júlio Abreu Filho (Trad.). São Paulo: Paideia, 2023. Acessada em 14 de junho de 2024, através deste [link](#).
- KARDEC, A., 1859, “A intervenção da ciência no Espiritismo”, *Revista Espírita 1859*. Júlio Abreu Filho (Trad.). Edicel, São Paulo, [196-].
- KARDEC, A., 1862, “Le Spiritisme a Rochefort.” *Revista Espírita 1862*. Acessada em 04 de julho de 2024, através deste [link](#).
- KARDEC, A., 1863a, *Le livre des médiums*. 6<sup>a</sup>. ed. Paris: Didier et. Cie. Acessada em 13 de agosto de 2024, através deste [link](#).
- KARDEC, A., 1863b. “Sur la folie spirite, réponse à M. Bulet de Lyon.” *Revue Spirite 1863*. Acessada em 29 de maio de 2024, através deste [link](#).
- KARDEC, A., 1864. “Le Spiritisme est une science positive.” *Revue Spirite 1864*. Acessada em 04 de julho de 2024, através deste [link](#).
- KARDEC, A., 1876, *L’Evangile selon le Spiritisme*. Paris: A la Librairie Spirite. Acessada em 31 de maio de 2024, através deste [link](#).
- KARDEC, A., 1912, *Oeuvres posthumes*. 16<sup>a</sup>. ed. Paris: Librairie des Sciences Spiritiques et Psychiques. Acessada em 26 de abril de 2024, através deste [link](#).
- KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira (Trad.) Perspectiva, 5<sup>a</sup>. ed., São Paulo, 1998.
- LAKATOS, I. “Science and Pseudoscience.” In CURD, M.; COVER, J. A. *Philosophy of science: the central issues*. NY/London: Norton & Co., 1998. Acessado em 04 de julho de 2024, através deste [link](#).
- PIRES, J. H. *Ciência espírita e suas implicações terapêuticas*. Paideia, 7<sup>a</sup>. ed., São Paulo, 2018a.
- PIRES, J. H. *Mediunidade: conceitualização e análise geral dos seus problemas*. Paideia, 11<sup>a</sup>. ed., São Paulo, 2018b.
- POPPER, K. R. *A lógica da pesquisa científica*. Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota (Trad.). Cultrix, São Paulo, 1972.



---

TITLE AND ABSTRACT IN ENGLISH

**Kardec the scientist and the spiritist theory**

---

**Abstract:** From his first contacts with groups that held meetings on the so-called “physical effects” of extraphysical origin, Allan Kardec left records of his research trajectory, his observations, analyses and conclusions about mediumistic and psychic phenomena. Excerpts from his works and, in particular, from the *Spiritist Magazine*, help us understand his thinking, his choices and his scientific practice as such. They reveal to us who Kardec was as a scientist. Today we can analyze his vision on the topics he researched, not only through his own writings but also from the perspective of exponents of contemporary Philosophy of Science, highlighting fundamental aspects for current Spiritist research.

**Keywords:** Allan Kardec; Spiritist science; research methodology; science; Spiritist phenomena; Philosophy of Science.

---